



“LUGARES DE MEMÓRIA” DA PRINCESINHA DO ACRE

Wladimir Sena Araújo¹

Professor de História na

Universidade Federal do Acre (UFAC)

RESUMO

Este artigo apresenta uma descrição sobre lugares de memória no município de Xapuri – Acre. Para isto, foram priorizadas narrativas de pessoas que moram ou residiam nestes lugares. As falas destes atores expressam imagens e discursos históricos/culturais sobre locais extremamente representativos para a história e que pouco aparecem em trabalhos acadêmicos.

Palavras-chave: memória; lugares; Xapuri.

ABSTRACT

This article presents a description of places of memory in the municipality of Xapuri - Acre. For this, prioritized narratives of people who live or lived in these places. The speeches of these actors express historical and cultural images and discourses about places that are extremely representative of history and that do not appear in scholarly works.

Keywords: memory; places; Xapuri.

INTRODUÇÃO

Este texto consiste em um exercício sobre narrativas e imagens dos lugares de memória da Princesinha do Acre, como Xapuri ficou conhecida por se tornar próspera mesmo em períodos onde a borracha encontrava-se em declínio no Acre.

Alguns nasceram em Xapuri, outros vieram do Nordeste e ainda existem aqueles que descendem de pessoas oriundas da Europa e do oriente próximo. Vários moram na floresta, outros na cidade. Há aqueles que ainda são seringueiros, mas existem os que já foram um dia. Existem, ainda, os que são hoje do comércio, mas há também aqueles que um dia o foram.

Falaram de amor, paixão, lutas, conquistas, desejos, desespero, amparo, esperança. Seriam tantas as palavras para destacar sentimentos e ações que estas não caberiam em nenhuma pesquisa. Mas uma coisa é certa: trataram, com toda a dignidade, da vida.

As narrativas dos moradores de Xapuri são como varadouros de matas de idéias onde se passeia com a dupla linha da razão e da sensibilidade. Em alguns momentos seguem uma lógica própria de interpretação. Em outros, se aproximam de informações de outros atores, se inter cruzando a uma “pessoalidade” própria da narrativa.

Nestas “pessoalidades” do ato de contar, a fronteira territorial é meramente imaginária. Algumas vezes são as referências da floresta que chegam dentro da cidade. Em outros, são aspectos da cidade que chegam a mais remota colocação da mata.

A cidade foi povoada por seringueiros nordestinos, fugidos da seca, mas também por comerciantes sírios, libaneses, portugueses e espanhóis, que abasteciam os grandes centros: Manaus e Belém. Estes instituíram e inventaram espaços e lugares de memória em áreas urbanas e embrenhadas no interior da selva. Portanto, memórias e histórias identificadas na ocupação de Xapuri mostram a importância destes atores que chegaram ao Acre para sobreviver, tentar a sorte e construir a vida, contribuindo fortemente para a constituição de locais históricos e culturais.

Destacam-se, por exemplo, a rua Seis de Agosto, onde está situado o porto, e, onde firmou-se, posteriormente, a cidade notadamente marcada pela singularidade de lugares expressivos voltados à comercialização de produtos nativos e oriundos de outros lugares do Brasil e exterior. Neste contexto, exemplificamos, a exemplo, a rua do Comércio, a rua Seis de Agosto (onde ocorreu o final da “Revolução Acreana”) e a 17 de novembro foi criada em homenagem ao Tratado de Petrópolis.

É digno de nota que Xapuri

desenvolveu bastante o comércio. Foi sede das melhores casas de comércio, que abastecia os seringais da região de toda a classe de mercadorias, sendo o rio Acre fundamental para o desenvolvimento desta atividade, pois era de suas margens que havia, constantemente, embarque e desembarques de pessoas dos navios e das lanchas que atracavam no porto da cidade. Essas embarcações traziam, também, os produtos que abasteciam a cidade e os seringais.

Destacam-se outros locais que ainda fazem parte da memória dos moradores e ex-residentes deste município. Estas foram reconstruídas, recontadas e ressignificadas pelos seus moradores e, portanto, se constituem em uma invenção do passado (CERTEAU, 1994; 1996).

De acordo com esta lógica apresentaremos, neste artigo, quatro tipologias de lugares que estão voltados à diversão, comércio, sociabilidades e celebrações. Neles é possível observar diversas influências culturais que se encontram e passam a ser incorporadas e ressignificadas simbolicamente e manifestadas por meio de discursos de moradores e ex – moradores da Princesinha do Acre.

Estas narrativas foram fruto de um exaustivo processo de pesquisa que resultou no Relatório da fase preliminar do *Inventário de Referências Culturais de Xapuri*² onde foi

cruzado o método etnográfico aliado à técnica de história oral para a coleta de depoimentos dos moradores, resultando em um banco de entrevistas fortemente denso e com informações sobre a memória daquela região.

Finalmente, queremos afirmar que esta invenção sobre os lugares de memória de Xapuri é permanente e manifesta a pluralidade de olhares em tempos históricos distintos, o que torna os discursos maleáveis, pois a cultura é dinâmica, ao passo que multivocal (TURNER, 1974) e plurissignificativo.

Neste sentido, para deixar mais evidente a noção de invenção sobre Xapuri, convergindo para uma perspectiva certauniana, optamos por priorizar as narrativas, levando em consideração a importância das informações nelas contidas e os olhares significativos sobre os lugares. Ao mesmo tempo, também assumimos o recorte autoral sobre o texto, já que as entrevistas foram selecionadas e conectadas a uma lógica textual.

NARRATIVAS E IMAGENS SOBRE OS LUGARES DA CIDADE

As conversas com os colaboradores da pesquisa sobre Xapuri se confundiam com suas próprias vidas. Por meio de suas narrativas pudemos compreender aspectos culturais significativos da memória.

Narraram, pois, aquilo que viveram ou escutaram, por meio de outros, que ouviram por vozes de tantos outros, produzindo um verdadeiro eco de significados. Estas representações, muitas vezes sutis, envolviam uma diversidade grande de informações, incluindo lugares de memória que foram agregados neste texto como tipologia, apenas para fins didáticos, conforme pode ser observado logo a seguir.

1. LUGARES DE DIVERSÃO

A cidade contou com lugares destinados ao lazer dos seus moradores e também daqueles que vinham a passeio ou a negócios. Dentre as opções constava o café do Dino, local propício também para jogos. Conforme Mariete Morte:

Todas as noites se reuniam papai, o seu Tomás, Lídio e tinha outra pessoa que eu não me lembro agora, eles iam todas as noites. Papai chegava em casa, trocava de roupa, jantava e voltava pra jogar um dominó, mas eles não jogavam a dinheiro, jogavam só pra se divertir, jogavam até nove e meia, dez horas (Mariete Morte).

As festas realizadas no Ponto Chic faziam do lugar um dos mais procurados e badalados por aqueles que tinham forte poder aquisitivo. Lá frequentava

Promotor, juiz, delegado, era esse pessoal (...) era prefeito. (...) De vez em quando ia um seringalista grande. Agora acontece o seguinte, no Ponto Chic tinha

dois ambientes. Tinha o ambiente chique que você só entrava de paletó e gravata, sentava lá pedia sorvete, vinha sorvete, pedia sanduíche, vinha, mas só podia entrar de gravata e paletó. (...) Quem não tinha dinheiro não podia ir pro Ponto Chic (Abdom Bestene).

O Ponto Chic, entre as décadas de 60 e 70, era um local disputado, pois tinha salão de festa, lanchonete, sorveteria, bar e local reservado para jogos. Neste sentido, “ia todo mundo impecável, tinha o bilhar, que era no Ponto Chic, era do tio Manoel. A sociedade se reunia ali pra tomar sorvete, era familiar (...). Não entrava um qualquer não, só entrava o pessoal da elite” (Mariete Morte).

Existiam outros espaços reservados para a elite local nas décadas de 40, 50 e 60 do século XX. Neste sentido,

[...] as festas eram muito boas na Associação Comercial também, porque naquele tempo não entrava todo mundo. Você pra ir pra uma festa, você precisava ir muito chique, muito bacana, de paletó e gravata que o povo ia. As festas da Maçonaria também eram frequentadas pela elite local (Idem).

Havia uma separação entre aqueles que tinham posses e outros que eram despossuídos. Para estes havia também lugares para divertimento. Eis o caso do carnaval da cidade. “O carnaval da sociedade era feito no Ponto Chic, agora o dos mais simples, que era um cinema que tinha” (Ibidem).

O “poeira”, de propriedade do Sr. Manoel Galo, dono também do Ponto Chic,

realizava festas para os seringueiros em três momentos específicos:

[...] do dia 16 a 21 de janeiro era para os seringueiros dançarem. Só pagavam à bebida. Não pagavam orquestra, não pagavam nada. Também dia seis, sete e oito de setembro, semana da pátria. A alta sociedade ia pro chalé da prefeitura. Também em maio ele reservava pra eles. No mês de maio, mês de Maria, existiam grandes arraiais em Xapuri, que mês animado! (Marinho Galo).

Em locais como o Ponto Chic e outros clubes se bebia uísque, champagne e ótimos vinhos. Havia uma excelente carta de bebidas finas e o gosto dos moradores era bastante sofisticado.

O Ponto Chic” era o bar mais famoso do Vale do Rio Acre. Nem Rio Branco tinha um igual. Lá no bar você chegava, tinha tudo que era bebida estrangeira: anis da Holanda, uísque escocês, vinhos portugueses, água perrier, uma das águas minerais mais caras do mundo, francesa (Idem).

As comidas também eram finas e variadas.

Lá no Ponto Chic você encontrava coisas que hoje nem existe, como o fiambre, um tipo de presunto muito diferente desse de hoje em dia, tudo importado, da Europa. A mamãe lavava, assava e fazia os sanduíches. As famílias se reuniam, preferencialmente, ao final da tarde, entre quatro e cinco horas. Tinha uma área muito boa, com mesas, o pessoal ia lá tomar um sorvete, ali se reunia o juiz de direito, aquela turma todinha, As autoridades tomavam uísque (Mariete Morte).

A exibição de filmes era frequente na cidade e havia bons filmes. O cinema

fascinava os moradores que vibravam, riam, choravam. Era emocionante assistir a um filme. Ele era motivo de uma boa conversa com os amigos e a família. “Na paróquia também tinha um cinema, ficava aquela competição, cada qual que procurava trazer o melhor, com isso nos lucrávamos, porque quando eles podiam eles traziam bom filmes, cada um querendo oferecer o melhor” (Euri Figueiredo).

Era charmoso ir ao cinema. Por isso, os frequentadores procuravam se vestir bem. A sessão não era um mero acontecimento, mas um evento. A afirmativa vai ao encontro da lembrança de Mariete Morte:

[...] eu me lembro quando eu era criança a gente não frequentava cinema, o cinema era do tio Manoel, irmão do papai, a gente pequeno lá em casa a gente não saía. Eu me lembro que eu ficava atrás do móvel chorando pra poder ir pro cinema. O papai ia de paletó e gravata, e a mamãe ia chiquíssima. Cinema era assim, só se andava chique (Mariete Morte).

As películas eram projetadas na igreja e também no Cine Recreativo. Ainda assim,

tinha muito cinema no padre. Eu não perdia um cinema. A gente ia todo domingo, eu e o Mucum, que é o marido da Nadir Figueiredo, e o Major, que era o marido da Glória. A gente já tinha nossas poltronas, nossas cadeiras, praticamente reservadas pra nós, porque ninguém perdia um cinema não. Filmes muito bons como o “Selva Nua”, com aquelas formigas, saúvas, que acabavam com a cidade. O nome do filme era “Selva Nua”. Eu sei muito nomes de filmes, “O Caminho dos Elefantes” que era muito

bom. “Os Brutos também amam”. Menino que filme! Tinha “A Última Carroça”, filme de cangaceiro. “Última Carroça” era muito bom. Não tem aquela Casa Paroquial, que o padre faz reunião? Ali era um cinema (Sílvia Ribeiro).

Na década de 30, Xapuri viveu o seu apogeu. Havia o acelerado movimento portuário, agregando lanchas, navios, chatas, batelões, e várias outras pequenas embarcações. Os estivadores passavam a noite inteira trabalhando no embarque e desembarque de mercadorias, para que pela manhã, bem cedo, as embarcações partissem lotadas, com castanha e borracha. Essas embarcações traziam mulheres, para se apresentar em grandes espetáculos, de várias partes do mundo. Existiam cassinos na cidade e nas embarcações. Conforme Abdon Bestene,

Xapuri chegou a ter sete cassinos. O papai falava que tinha sete cassinos em Xapuri. De toda parte do mundo que você pensasse vinham mulheres catar dinheiro aqui ou você pensava que não vinha? Se apresentavam e exerciam a profissão mais antiga do mundo, vinham de todo canto. Tinha polonesa, espanhola, italiana, aqui à colônia italiana era grande também. O papai contava que aqui tinha vinte e cinco, vinte e três embarcações grandes, atracada aqui no porto de Xapuri. Naquela época corria dinheiro, muito dinheiro, tinha muito dinheiro (Abdon Bestene).

Na década de 60, a luz apagava as nove da noite. As mulheres se recolhiam. Não era recomendável a uma moça de família ficar

sozinha fora de casa após a sinalização de que a luz iria apagar. Esta norma também era imposta aos menores de idade. De acordo com Jorge Sarkis:

[...] quando era nove horas, menor de idade tinha que se recolher pra sua casa, porque o juiz, doutor Gondim era muito rígido, muito duro. Foi um dos mais respeitados no Acre, agora quando era nove horas piscava a luz três vezes, quem era menor tinha que ir pra casa. Naquela época o regime da população era adequado aos modos antigos (Jorge Sarkis).

Havia ainda reuniões, comemorações e festas em casas familiares. Na época da Intendência, a esposa do intendente José Bastos, a Neném Bastos, era uma ótima pianista e sempre fazia recitais para amigos como Carmita Hadad, filha de Aziz Adad e a senhora Marreb. O senhor Abib e Latife Kalume, pais de Eduardo e do ex – governador Jorge Kalume, o senhor Jamil Bestene, o senhor Sadalla e a senhora Aderoza Koury. Em período mais contemporâneo, os Sarkis também organizavam festas bastante badaladas.

Havia um variado repertório de estilos musicais que eram executados nos salões dos clubes e nas residências familiares. Portanto, dançar e ouvir música era extremamente prazeroso. Os músicos tocavam valsa, tango.

Tinha orquestras boas! A do Zeca Torres, um grande músico, grande mestre. Tinha o Oscar Capivara, grande saxofonista. Tinha um português que

tocava guitarra, era o seu Campos. O velho Valdemar que tocava flauta e tinha outros... o Severo que tocava banjo (Marinho Galo).

Era a partir deste horário que entravam em cena as trabalhadoras da noite. Estas, segundo moradores, deveriam respeitar os “costumes da cidade” e evitar transitar em horários frequentados pelas famílias, especialmente no período diurno.

2. LUGARES DE COMÉRCIO

Xapuri era uma cidade que tinha ricos comerciantes que vendiam suas mercadorias para a população urbana. Abasteciam também os seringais com suas mercadorias e traziam daquelas unidades grandes quantidades de borracha e outros produtos provenientes da floresta. As grandes casas comerciais de Xapuri como a Casa Galo, A Limitada, a Zaire e a Kalume costumavam fazer com frequência este tipo de transação comercial. Estas eram ligadas a comerciantes de prestígio, que faziam parte da elite local.

Os produtos oriundos dos seringais xapurienses eram vendidos e comprados nas casas comerciais. Eram nestes lugares que se aviavam as mercadorias. Lá era possível comercializar

[...] couros e peles. As peles de animais silvestres vindo ali pela beira do barranco. Ninguém roubava. Agora as bolas de borracha, que eram a borracha

tradicional, que traziam nos burros, eram levadas aqui pra cidade e os comerciantes já tinham aquela marcação... já sabiam pra que local era. A Limitada, Guilherme Zaire, Casa Kalume, era quem comprava. E já tinha pronto também o aviamento para os seringais. Era assim: eles compravam a mercadoria ali, onde era aquela A Limitada, era uma grande casa comercial, casa de aviamento que eles chamavam. Então aviavam a mercadoria para o dono, o proprietário do seringal, que revendia para os seringueiros (Miriam Pereira de Melo).

Neste circuito estavam patrões srios, libaneses, portugueses ou descendentes destes. Havia também um grande número de empregados, que desempenhavam funções diversificadas. Nesta época não havia casas residenciais, nem comerciais às margens do rio Acre. Existiam vários portos, conhecidos pelo nome das principais casas comerciais: Porto da Limitada, do Zaire, da Casa Galo, Kalume, dentre outros. Nesses portos, à margem direita do rio Acre, as pélas de borracha que chegavam dos seringais eram armazenadas, permanecendo meses, aguardando a vinda dos navios, sem que ninguém as roubasse, servindo muitas vezes de instrumento para brincadeiras das crianças. Sendo assim,

[...] as ruas antigamente, as que a gente chama de beira de rio (...) era quilômetros e quilômetros de borracha. Ali só tinha borracha. Era da Limitada, depois entrava as da Casa Zaire. Aquilo tudo era borracha. Tinha aquele palanque, que hoje em dia ainda tem lá, aquele palanque na beira do rio e mais adiante tinha as borrachas do Kalume.

Xapuri tinha muito dinheiro, corria muito dinheiro na época da borracha, eu me lembro que na frente da Limitada tinha borracha que eu saí pulando, eu e as outras criança sair pulando, correndo, era muita borracha (Mariete Morte).

A chegada de embarcações à cidade era uma atração à parte. As pessoas se deslocavam para a Rua do Comércio com muita curiosidade para saber quais os navios que haviam chegado, bem como ouvir as novidades de outros lugares. Existiam barcos que chamavam a atenção, como era o caso do senhor João Barrão no mês de janeiro. “Era dia vinte de janeiro de longe já sabia, que ele botava o alto falante bem alto, já se sabia: - lá vem o João!” (Idem).

Era na Rua do Comércio que era encontrado “de tudo”. O comércio de Xapuri era abundante, farto, e contava tanto com produtos nacionais como estrangeiros. Era possível achar em suas lojas comerciais os melhores tecidos tais como linho, casimira, seda de toda qualidade, rendas de todos os tipos, jogos de porcelanas para se escolher, vinhos importados, azeitonas em barris, presuntos bem embalados, tudo uma verdadeira delícia ao paladar e aos olhos. Neste sentido, “vinha muita coisa de Belém, [...] tinha uns vinhos de Portugal, azeite, também essas coisas tinham. Os navios iam lá e levavam até fiambre” (Ibidem).

Os navios chegavam abarrotados de mercadorias. Estas novidades distantes eram

cotidianas aos moradores. Entre a década de 1930 e 1960, as embarcações traziam muitos artigos, dentre os quais destacamos:

[...] bacalhau da Noruega, macarrão da Palmeira e biscoito “Aimoré”, fabricados com trigo americano; charque do Prata, manteiga “Três Vacas” e queijo holandês; tecidos os mais variados, importados da Inglaterra, como a casimira, a palha de seda e o indefectível “HJ”, alvo como a neve dos Pirineus, inclusive batatas, seda e leques japoneses; louças de porcelana européia, licores e perfumes franceses (Kalume apud Mota, 1996).

A Limitada, por exemplo, era uma casa comercial bastante frequentada pelos moradores da cidade e de colocações de seringais. Outras também eram muito importantes, tais como Kalume e a Zaire.

Lá eles vendiam secos e molhados, secos e molhados... Que é tudo. Tinha o Guilherme Zaire, tinha também o Kalume, a casa Kalume também, que era famosa, tinha o seu Alfredo Zaire, mas o seu Alfredo Zaire acho que ele só vendia tecidos, tinha o seu Jamil também, mas as famosas mesmos eram a do Manoel Galo, que era meu tio, A Limitada, a Zaire e a Kalume, essas eram as famosas (Mariete Morte).

As novidades de moda chegavam a esta Rua, e logo eram apreciadas pelas moças e rapazes, além das costureiras que procuravam se atualizar com as tendências fortes de outras regiões do Brasil e do exterior. Então, “tinha tecidos, gêneros alimentícios essas coisas vendiam tudo, só não vendia naquele época roupa, naquela

época a gente mandava fazer, comprava tecido e mandava fazer” (Idem).

Todos se trajavam de acordo com a moda da época. Entre 1930 e 1950, por exemplo, os homens e mulheres andavam sempre bem vestidos. Usavam calças de linho HJ, sapatos de couro, blusas de cambraia. Alguns usavam chapéu Panamá, guarda-chuva, sempre com muita elegância. As mulheres, vestidos de seda, cabelos presos com pente de madrepérola, sapatos de bico fino, leques japoneses e sombrinhas francesas.

Dentre os alfaiates mais procurados, destaca-se o senhor Pedro Fidélis, sendo que vários outros exerciam este ofício. Portanto, “Xapuri chegou a ter mais de quatorze alfaiates. Tinha a alfaiataria do seu Moura, que só nessa alfaiataria trabalhavam seis” (Marinho Galo).

Tinham costureiras “de mão cheia” e as famílias tradicionais procuravam as melhores, para confeccionar roupas, fosse para uso cotidiano, ou para algum evento especial. Dentre as costureiras constava a

Teófila Farias, que era casada com o Evaristo Galo. Teófila era famosa. Tinha também a Ziza Castelo. Elas eram as costureiras famosas de Xapuri. A primeira festa que eu fui na Maçonaria, a mamãe tava em Belém, papai inventou de me levar, eu disse: - papai não tenho roupa! - Vai lá com a Teófila, ela vai lá na Limitada, tira um tecido! Eu fui toda cheia de alfinete aqui na cintura, eu digo: - Teófila isso aqui vai cair! Ela disse: - cai não, pode dançar a noite todinha! (Mariete Morte)

Josefa Bastos, excelente costureira, ficou conhecida pelas costuras de bom acabamento e caimento. Ela era primorosa e deixava os moradores elegantes. Comenta-se da delicadeza com as roupas. Os ternos masculinos que eram de linho branco, por exemplo, eram engomados e passados a ferro de carvão. Havia a preocupação para que o pó não sujasse a roupa. Com as roupas branquinhas os homens andavam a passos firmes pelas ruas xapurienses e o linho tremulava, dando a estes uma certa ousadia.

A rua da frente era marcada pelo contraste. De um lado, as mercadorias adentravam nas lojas e tomavam conta das prateleiras. Pessoas desembarcavam. Muitos ficavam, outros partiam. A vida neste lugar era muito movimentada. Ela era peça central de uma cidade que já possuiu jornal, fábricas de biscoito, gelo, castanha, óleo e sabão. Era um lugar bastante frequentado pelas famílias tradicionais da cidade.

3. LUGARES DE SOCIABILIDADE

3.1 A Praça Getúlio Vargas

Os moradores de Xapuri lembram com carinho de pontos de referência que marcaram as suas vidas. As praças aconchegantes da cidade constituem um desses pontos, e a Praça Getúlio Vargas, uma dessas fagulhas da memória. Ela era um lugar importante de

sociabilidade e de passeios

[...] visto que as ruas não tinham calçamento, só a rua da frente, da beira do rio, a 6 de Agosto é que tinha um pouquinho, muito pouco, num chegava nem a vamos dizer, ali, na rua da frente, que a gente chama, num era nem concreto, era tudo barro. (...) Era bonita, só vendo. Era toda cheia de arco assim, de papoula. (...) Tinha os bancos, a gente sentava, era bonita, com flor de toda qualidade (Raimundo Figueiredo).

A Praça Getúlio Vargas era anteriormente um bosque composto por capim e árvores. Foi dado a este lugar um jardim, onde aos domingos as famílias passeavam elegantemente. De acordo com Coelho Filho (1943), a inauguração de 07 de janeiro contou “com evidente gaudío para a população, seus inúmeros canteiros floridos apresentam bizarros desenhos. O jardim forma a praça Getúlio Vargas (antigo bosque), sobressaindo ao centro o busto do grande Presidente” (COELHO FILHO, 1943: 23).

Esta Praça, na sua inauguração, era disposta de seis passeios de cimento, medindo o da frente e o do fundo trinta e oito metros e setenta e cinco centímetros, as laterais trinta e quatro metros, os dois centrais, uns oitenta metros e o outros vinte e nove metros.

Existiam ainda quarenta e oito bancos de cimento armado, que foram ofertas de comerciantes e seringalistas. Nesta praça existiam também outros atrativos, como os concertos musicais, que eram desfrutados pela população e pelos visitantes, que em trânsito

ficavam encantados com as belezas da Princesinha. Portanto,

[...] erguendo-se numa das quadras, moderno coreto de alvenaria, em forma de lira, com nove metros de comprimento por seis metros e vinte centímetros de largura, no centro, tendo dois metros de entrada; a altura é de dois metros e vinte centímetros ao fundo e um metro na frente. Contém seis bancos de ferro e madeira, com capacidade para quarenta músicos. Ostenta-se ainda, numa outra quadra, atraente caramanchão de madeira de lei, entrelaçado de lindas trepadeiras (Idem, 23).

A Praça Getúlio Vargas era servida com água encanada em toda a sua área sendo a sua iluminação, por via subterrânea, profusa e contando com “vinte e oito artísticos postes de cimento armado, com bonitos globos. A noite é de aspecto encantador (Ibidem, 23)”. Como nos apresenta Ana Lúcia Costa, em sua obra, *Madeira que cupim não rói*, “Xapuri, aconteceu na história das muitas ações expansionistas humanas. Um canto ajardinado, pequeno, no imenso quintal amazônico.” As praças da cidade foram cuidadas durante anos por japoneses que com sabedoria e zelo no tratamento de plantas embelezaram ainda mais cada um dos cantinhos destes lugares.

Conforme Nabihá Bestene,

[...] as praças antigamente elas eram bem zeladas. Eu ainda conheci um japonês que ele que tomava conta daquelas praças ali, das duas praças. Ali onde é a praça grande, a Getúlio Vargas e a outra lá de baixo. E era muito arborizada, tinha

muitas plantas bonitas. Depois que eles foram embora, foi se acabando e nunca mais. Quem cuidava da praça era o seu Santos, um japonêsinho bem pequenininho. Nas horas extras ele fazia horta nas casas de família, a lá de casa ele também cuidava. Morava numa casa lá atrás da praça, ele morava lá (Nabiha Bestene).

Era no coreto que se apresentavam as retretas, apreciadas com muito gosto pelos moradores. E charmoso também era escutar a bandinha de música neste local. Era a bandinha de Xapuri, “a banda da dona Júlia Passarinho. Era uma banda famosa” (Nabiha Bestene).

A maranhense Júlia Gonçalves Passarinho era mãe do ex-senador Jarbas Passarinho, pelo Estado do Pará. Destacamos que foi justamente Jarbas Passarinho, quando Ministro da Educação e Cultura, no Governo de Emílio Garrastazu Médici, que dotou Xapuri de instrumentos musicais que iriam compor a banda de música do município, conforme o Projeto Lei nº 05/73 (criando a banda de música) com data de 17 de março e a Lei municipal nº 075, reafirmando a criação e dando outras providências (AGUIAR, 1996:75).

Convém dizer que “os primeiros ensaios da “Banda da dona Júlia, como é mais conhecida, deu-se nas dependências da Casa Branca. [...] Depois, os ensaios davam-se no quartel da Polícia Militar, Lar dos Vicentinos e por último, [...] no (...) prédio erguido na Praça Rodrigo de Carvalho (Nabiha Bestene).

Retreta era uma atividade para a família que gostava de ouvir música de qualidade, intimista, de contemplação, através das bandinhas. Neste sentido,

[...] tinha retreta que tocava valsa, canção, essas coisas assim, antiga mesmo. Eles tocavam... às vezes tocavam algum dobrado, uma coisa assim na chegada. Era mais a valsa, essas canções antigas, essas coisas. E na época tinha banda de música aqui em Xapuri, banda de música boa, e tocavam retreta aqui. Quando anunciavam: “Hoje tem retreta!” Ia todo mundo passear na praça e a banda de música tocando. Era a retreta que chamava. A retreta era um acontecimento!” (Jorge Carlos Monteiro).

Seja qual fosse à intenção dada ao passeio, um simples bate-papo a um encontro amoroso, o coreto, com sua retreta, era o ponto de encontro de todos, dos casais (com seus filhos) aos namorados. Fazer parte da retreta era mais que uma obrigação, era um prazer, um esforço contínuo de abnegados, alguns sem remuneração e com poucos instrumentos, levando alegria à cidade. Sendo assim,

[...] a Praça Getúlio Vargas não tem aquele coreto? Ali os músicos ficavam tocando até nove horas... Era banda daqui mesmo. Eles eram músicos, sem ser empregados. Eram músicos assim, por conta própria. Eles mesmos se reuniam, acho que alguém dava alguma gratificaçãozinha pra eles, alguma coisa. Tinha o Edmar, o Sandoval, o Lourival, Oscar, Dorival, Beijuba e o Fausto. Tocavam até nove horas. Era aquela animação... Eles eram músicos da cidade mesmo, pra toda festa eles eram convidados e tocavam. E eles iam, que

era pra criar nome também. Você fazia uma festa e sabia que aquela pessoa ia tocar lá (Sílvia Ribeiro Maciel).

repertório era baião, valsas, tangos, bolero, chorinho, samba, etc. (AGUIAR, 1996: 78).

É neste lugar de lazer e entretenimento que os xapurienses paravam para ouvir as retretas, banda de música local, normalmente formada por músicos da mais alta qualidade, que embalavam amores e sonhos de todas as idades, marcando durante algumas décadas o imaginário coletivo da população com sons, instrumentos e ritmos os mais variados possíveis. Era uma das opções culturais acessível a todos, fazendo parte da memória saudosistas dos moradores, como afirma Rabib Sarkis:

No coreto tocava a banda de Xapuri de música. Ela animava muito. As famílias iam lá freqüentar a praça, escutar a retreta. A antiga Guarda Territorial tocava lá. É difícil recordar o nome de quem tocava: O finado Zé Torres, o Mário e muitos outros como o Xolada. E muitos outros que eu não me recordo. Todos eram da Polícia, e posteriormente alguns deles vieram se engajar na Guarda de Rio Branco. Era muito animado (Rabib Sarkis).

Nos anos sessenta surgiu um quinteto que tinha à frente o maestro Raimundo de Lira. Ele se chamava Francisco Mangabeira e os músicos afinados que compunham o quinteto eram os seguintes:

João Alves dos Santos tocava clarinete; Félix do Vale Pereira, saxofone; Raimundo Souza ,trombone; Romário Manoel ,saxofone e Oscar Celestino de Paiva (Oscar Capivara). Esse grupo, tocava nas tardes de domingo, sempre no coreto da praça Getúlio Vargas. Seu

Nas praças também eram comemoradas as festas juninas, estendendo-se por todo o mês de junho, nas tradicionais quermesses, organizadas pela igreja, colégios, e segundo alguns entrevistados, pela Maçonaria onde

[...] havia barraquinhas com comidas típicas e jogos para animar os visitantes. A dança da quadrilha, geralmente ocorria durante toda a quermesse e ocorria no mês de junho o que se comemora aqui é quadrilha, são as festas nas escolas, arraial de escolas, passou tudo pro mês de junho. Antigamente era bonito, ficava cheio. Na frente das igrejas ficava cheio de barracas, de fogueiras, de tudo. Tinha comida, tinha doce, tinha bebida. Era muito bom, mas aí acabou. Não tem mais, acabou! (Jorge Carlos Monteiro).

O mês de junho é o momento também de se fazer homenagens a santos católicos, herança nordestina. O mês é marcado pelas fogueiras, que servem para estabelecer uma relação de compadrio, como mencionou Raimundo da Silva Ferreira,

[...] no dia de Santo Antônio o pessoal também gosta de fazer uma festinha dançante. E véspera de Santo Antônio também, agora não, o pessoal tá deixando mais, mas antes a gente fazia uma fogueira, passava fogo pra ser compadre, prima, comadre. Aqui quando tinha festa de Santo Antônio a gente fazia muita amizade, também com esse negócio de passa fogo pra fulano. Ser compadre era muito animado, agora não, esse pessoal mais novo eles não gostam muito não, mas a Maria, minha mulher, tem não sei quantos padrinhos de

fogueira que a gente chama.

3.2 A Fonte do Bosque

A fonte do Bosque é também considerada um dos locais mais importantes para os xapurienses. Dela era extraída água que matava a sede dos transeuntes e também dos moradores da cidade. Servia também para lavar a roupa das famílias do lugar. Ela

[...] é uma fonte muito antiga. Quando eu era criança já passava ali. Quando a gente vinha da colônia a gente parava ali para lavar os pés, pra ir pra escola com os pés limpo. Então, tinha duas pessoas aqui em Xapuri que eles sobreviviam da água que eles vendiam de lá. Eles carregavam em um jumentinho, tinha aquelas pessoas que podiam comprar a água deles. Eles vendiam a água para aquelas pessoas. Era o seu Francisco Ferraz e o outro senhor que chamavam ele de Manoel “Bundinha” (Jorge Carlos Monteiro).

A fonte era motivo de orgulho para a população e ela

[...] era assim de 59, essa década. Ela teve um tempo em que um prefeito que tava aqui aterrou ela, depois a população fez um manifesto, então abriram novamente. Ela era a céu aberto, o pessoal da Bolívia, todo mundo juntava água de lá, porque lá, toda vida foi uma água muito boa, acho que já passou por algum teste (Dona Carmita).

Mesmo com o abastecimento de água efetuada pela empresa estadual de saneamento, pessoas residentes ainda na cidade desfrutavam da água decorrente da fonte.

Especialmente no período de escassez de água. Sendo assim, “quando não tem água, as pessoas vão buscar, quem tem transporte, como carro, leva baldes e baldes pra levar a água pra casa dali. Acontece de passar dias sem ter água e as pessoas se serviam da água de lá” (Idem).

Dona Carmita lembra também do “seu Chico Ferraz que vendia, que pegava a água lá, o seu Manoel. Eles transportavam a água num jumentozinho, levava quatro galãozinho em cima”. Mas existiam outras personagens que eram responsáveis pelo recolhimento e venda de água no lombo dos animais. Dentre elas consta a figura de Manoel “Bundinha”. O Manoel “Bundinha” era apelido de criança. “Ele ficava com raiva, quando os meninos saíam da escola chamavam: - Manoel Bundinha, onde tu vai deixar água? Ele ficava com raiva. Era um senhor bem baixinho” (Ibidem).

Havia também o seu Francisco, que foi casado com dona Preta, antiga mestra do tacacá em Xapuri. Ele também pegava água para vendê-la para os moradores.

O seu Francisco ele era interessante, uma pessoa humilde. Ele vinha com aquele pau assim nas costas e pendurava os baldes de água que ele ia busca naquela fonte, que é aquela fonte que vai pro lado da Bolívia. (...) A fonte era aquela depois da praça (...) eu lembro bem que a nossa água de beber era dali, a gente comprava desse senhor que ele ia deixar nas casas da gente (Nabiha Bestene).

Estes vendedores viviam do comércio de água e abasteciam os lares das famílias que tinham condições financeiras para arcar com o consumo do líquido cristalino. Era chique beber e lavar com água da Fonte do Bosque.

4. LUGARES DE DEVOÇÃO

4.1 O São Sebastião da Sede de Xapuri

O “Vinte”! É assim que era nomeada por muitos a celebração de São Sebastião, que ocorre no dia vinte de janeiro. Ele é o padroeiro de Xapuri e é homenageado por moradores da cidade e da floresta. Além destes, esta celebração é apropriada por moradores de outros lugares do Acre, Brasil e exterior.

O dia de São Sebastião é comemorado em vários lugares do Brasil. Em Xapuri teve o seu início no início do século XX, sendo influenciado por comerciantes e seringalistas locais. Ela é uma celebração sagrada que agrega elementos profanos, dentre os quais o comércio popular, que existe desde que a festa foi implantada na cidade. Ela era muito animada

[...] quando tinha menos gente, porque funcionava os seringais, tinha muita castanha, muita borracha, era na época que eu tô falando, que embarcava tudo em Belém, tinha muita borracha. Nós cansamos aqui de embarcar aqui, A Limitada, descer onze balsas com quinhentas bolas de borracha. Onde eu

trabalhava, no Zaire, era seis balsas, o Kalume mais três e era assim...Tinha muita borracha aqui. Então corria muito dinheiro nesse município, aí a festas do dia vinte era animadíssima, animadíssima mesmo (José Carlos Monteiro).

Como não existia estrada para Xapuri, a chegada dos fiéis se dava através dos rios ou varadouros, que ligavam as colocações dos seringais às imediações da cidade. Sendo assim,

[...] era mais difícil o transporte, mas vinha gente de todo canto, de onde podia vir. Dos seringais vinha todo mundo, das colocações com vários dias de viagem, andavam um, dois dias inteirinhos pra chegar aqui, pra vir pra procissão. Do rio Xapurí descia de barco, do rio Acre descia de barco. Quem morava pra baixo vinha de barco, de canoa, naquele tempo era o transporte, e quem morava no seringal vinha de animal, de burro, de cavalo, de tudo (Raimundo Nonato Gonçalves).

Antes da abertura da BR 317 e da estrada que liga a rodovia a cidade, os praticantes iam ao São Sebastião através do rio Acre ou Xapuri, mas podiam chegar por via aérea. A quantidade de embarcações, ancoradas no porto, dava uma grande imponência à cidade e era um momento de rara beleza.

Como o acesso era difícil, muitos seringueiros só frequentavam Xapuri uma ou duas vezes ao ano. Na cidade participavam dos festejos ao santo padroeiro e também aproveitavam para comprar produtos necessários que levavam para a colocação,

como afirma Derci Teles que afirmou que sua família “só vinha na cidade uma vez por ano e era nas festas do padroeiro da cidade, a festa do vinte de janeiro, a festa de São Sebastião”.

Para muitos a frequência de pessoas do seringal na cidade era raridade. Aproveitavam os momentos mais oportunos durante a estiagem ou período chuvoso. Portanto,

[...] você passava o ano inteiro no seringal, você só vinha na Rua em épocas de festejo. Onde a gente morava, a gente não vinha na Rua, por exemplo, final de mês, de dez ou de quinze em quinze dias. Você só vinha em setembro ou em janeiro que fazia a viagem pra Rua. Em setembro era a comemoração da pátria, e era a época que a gente acertava de conta com o patrão, que a gente pesava o produto. Em janeiro você vinha, era só esses dois períodos (João Alves).

Os participantes ficavam nas imediações da igreja de São Sebastião, mas movimentada mesmo era a Rua do Comércio, que esbanjava o seu charme e sedução de consumo, para a felicidade dos comerciantes.

Então a maior concentração da população, que vinha prestigiar a festa era ali naquela Rua, com exceção do dia da procissão aqui na frente da igreja, mas durante o dia, que essa festa começava assim, começava a chegar gente a partir do dia quinze de janeiro e ia até o dia vinte e três, vinte e quatro, a maior concentração era ali (Idem).

Alguns se queixam que poderiam ter mais lucro com o evento. Este foi o caso de alguns comerciantes, que dividiam seus

espaços com os marreteiros. Neste caminho,

São Sebastião é uma das festas mais lindas que este Acre tem. Vinha muita gente de fora. Meu pai tinha um pequeno comércio e ele se queixava porque naquela data ele queria vender. Então vinham muitos marreteiros de fora e esses marreteiros não pagavam imposto, não pagavam nada. Tiravam aquela clientela que vem do seringal nesta época. Os marreteiros atraíam todo mundo pra lá, porque era mais barato (Nabiha Bestene).

No “Vinte” você encontrava de tudo, do calçado às comidas que eram vendidas em pequenas bancas. Os pequenos comerciantes também esperavam com expectativa a celebração. Este foi o caso de dona Ozana, devota de São Sebastião. Além de participar da homenagem ao santo, aproveitava para vender os seus produtos, após a procissão. Então, “acompanhava a procissão um pouquinho, assistia o leilão e vinha embora. Aí eu já deixava minhas vendazinhas feitas, e quando chegava de noite ia pra vender lá de frente, na festa” (Ozana Santana).

Era ainda o momento oportuno para a negociação de borracha que era proveniente das mais variadas colocações. O movimento de embarcações que vinham com borracha era intenso, mesmo durante o período chuvoso de janeiro, de extração reduzida nos seringais, devido à chuva. Logo,

[...] tinha muita gente na cidade, os barcos vinham cheio de borracha e ficavam ali no comércio (...). Ali onde é

a casa do Zaire, eles vinham com os barcos cheios de borracha pra entregar pros comerciantes e trocar por mercadorias, vendiam a borracha e recebiam a mercadoria em troca. Era assim antigamente (Francisca Brito de Lima).

O seu apogeu desta celebração ocorre durante a procissão ao santo, na qual os fiéis pagam as suas promessas e solicitam alcançar uma graça, ou seja, solucionar problemas de ordens diversas. Neste sentido,

[...] a festa de São Sebastião era uma festa tradicional, era muito boa mesmo e bem organizada na época, muito boa mesmo. Tinha uma procissão que tomava a cidade todinha. (...) Organizada pela igreja, pelo pessoal que freqüentava a igreja, que naquela época tinha os católicos mesmo, fervorosos. Chamavam de irmandade da igreja, era bem organizado mesmo (Raimundo Nonato Gonçalves).

O São Sebastião era o momento onde ricos e pobres mostravam esperança através da fé. É evidente a dramaticidade do evento onde muitos choram, outros suplicam e ainda tantos refletem sobre suas vidas. Tudo isso podia ser percebido durante o percurso.

No dia vinte de janeiro, os fiéis se concentram como podem. Os que chegam mais cedo ficam no interior da igreja de São Sebastião. Os retardatários ficam do lado externo, esperando a saída do andor do interior da casa sagrada.

O momento da saída é realmente arrebatador. Os participantes se aproximam da imagem de São Sebastião e com emoção

frequente erguem os braços para tocar o andor para ficar mais próximo do santo sagrado, com súplicas intensas que provocam um verdadeiro drama social.

A procissão ocorre no final da tarde e nela observa-se uma série de elementos simbólicos tais como, velas, muitas velas, que na versão de muitos praticantes implica na busca de iluminação espiritual. A imagem do conjunto de velas com o pôr-do-sol da cidade é realmente surpreendente. O céu com gradações de cores variadas é somado à luminosidade das fagulhas das velas, que se tornam pequenas estrelas terrenas ao cair da boca da noite.

As fitas vermelhas constituem adereço indispensável. As cores do santo são a branca e a vermelha. Logo, usar o vermelho implica na simbolização ao ser sagrado, conforme nos explicou dona Naza:

[...] o vermelho é a cor do santo, e muita gente faz, tem as promessas que fazem para pagar com fita vermelha amarrada na cabeça, na perna, em qualquer lugar do corpo, de acordo com a doença que a pessoa sofreu e fez aquela promessa pra ficar bom. Porque é a cor do santo e muita gente faz, tem as promessas que fazem para pagar com fita vermelha amarrada na cabeça, na perna, em qualquer lugar do corpo, de acordo com a doença que a pessoa sofreu e fez aquela promessa pra ficar bom (Maria de Nazaré Gondin da Silva).

O vinte apontava também a solidariedade dos moradores para com os visitantes que chegavam de lugares distantes e

eram bem recebidos pelos xapurienses em seus lares, a exemplo da informação de dona Naza:

Quando eu passei a morar na cidade eles vinham do seringal, ficavam tudo na minha casa, tudo na minha casa. Vinte de aneiro, quando vinham pra São Sebastião, era aquele montão de gente do seringal e comiam e tudo, e saíam, não mexiam em nada, não tinham costume ruim. Era aquele povo assim bem unido. Traziam do mesmo jeito, que nem faziam no seringal, eles traziam pra cidade. Ah, nos vamos levar isso aqui... Vamos levar farinha d'água pra Naza, vamos levar carne seca de veado pra ela, e era igual a minha vida, quando eu morava lá (Maria de Nazaré Gondim).

Muitos chegavam antes para participarem da novena e se hospedavam em casa de parentes ou conhecidos. Alguns eram recomendados aos anfitriões e acabavam firmando amizades sólidas e duradouras, como expresso na narrativa de dona Vicência:

[...] quando meu pai adoeceu quebrou três costelas, não pôde mais trabalhar, foi pra Manaus. A minha mãe deixou o quadro do São Sebastião e o do Padre Cícero comigo. Dia de São Sebastião eu fazia na minha casa a romaria, rezava o terço, o pessoal pagava promessa, depois tinha o jantar, tinha a dança, porque não tinha rede pra todo mundo, eu na minha casa sempre tinha nove rede e nove coberta, cinco rede grande, quatro pequena, menor, quatro cobertor grande e quatro menor. Era um horror de gente chegando assim (Vicência Bezerra da Costa).

A imagem de São Sebastião é cuidada com muito carinho pelos devotos. Esta imagem, por sua vez, foi trazida da Itália

pelos padres, visto a adoração que a população já tinha ao santo. Ela, a imagem, causava comoção aos participantes como manifestado na narrativa a seguir:

[...] eu vou pra igreja, eu fico lá na igreja, assistindo e vendo a multidão de gente. Eu acho bonito esse tanto de gente. Quando ele chega, que sai da igreja e vai passear, o pessoal vai com ele, e quando chega é a maior alegria da gente, o São Sebastião. Ele vem tão triste, eu choro. Quando ele chega na igreja, que vê a multidão de gente, eu penso que aí ele fica alegre (Isaura Monte Cardoso).

As mudanças no vinte são sentidas pelos moradores. Estas modificações não ocorreram apenas durante o evento religioso, mas são percebidas no ambiente que circunda a festa, ou seja, o comércio. Sendo assim,

141

[...] naquele tempo só vinha por água ou de avião, mas hoje tem estrada, vem gente de todo canto. Toda rua que você vai, tá tomada de carro. Eu lembro de um homem que trouxe cinco mil blusas, cinco! ele botou ali no mercado, entre o mercado e o palanque, e o palanque era onde recebia às autoridade que vinha por água. Naquela época pra Xapuri eles vinham por água, eles subiam ali no palanque, tem uma escadaria, ainda tá lá. É... Ele botou ali no rio e despejou aquele monte de blusa ali, em três dias não tinha uma, por causa do preço dele, era barato, veio pra vender mesmo, que ele não veio pra ficar morando aqui, então eu me lembro como se fosse hoje, uma era cinco e três era dez, já pra incentivar o cara a levar três. Então o cara levava três, levava seis, nove por trinta e foi de repente. Eu vi, que eu passei um pedaço de tempo lá, em pé, olhando aquele movimento (Raimundo Eurico Bezerra).

O calendário do evento também sofreu modificações. Antigamente tinham muitas festas, muitas festas. Chegava São

Sebastião tinha festa. Naquela época as festas começavam dia dezessete, começava cedo, começava dezessete, mas elas só iam até o dia vinte e quatro, às vezes vinte e cinco. Hoje é ao contrário, ela começava cedo. Começa dia dezesseis, mas aí também só vai no máximo até o dia vinte e um (Jorge Carlos Monteiro).

As festas também sofreram alterações, principalmente com relação à escolha musical como exposto a seguir:

[...] aqui a gente vinha pra essa festa, festejo de vinte de janeiro. (...) O seringueiro vinha, voltava de novo só um ano depois. Não havia música, não havia televisão, não havia rádio, não havia coisa nenhuma, e o seringueiro vinha, vinha com aquela vontade de escutar uma música. Agora música você vê como é, era um pandeiro, era um banjo, um tambor de borracha, batendo aquilo, ali, era festona. Hoje você vê uma apareiagem numa festa dessa, que é uma apareiagem tão grande que a gente não sabe nem o que tá tocando, é tanta zoada que dói até os ouvidos da gente, e ninguém sabe o que é (Mauro Argenor Aldo).

Assim bingos e leilões são realizados com intuito de angariar fundos para as atividades sociais da igreja católica, responsável pela condução dos trabalhos durante os festejos. Muitos dos brindes eram doados por pessoas que ficaram doentes e foram curadas através de um milagre. Portanto, “muita gente botava coisa no leilão, é gado, é galinha, é pato, é tudo, no leilão. Tudo é pra São Sebastião, tudo é pra igreja, pra eles fazerem na igreja. É o pessoal dando dinheiro” (Isaura Monte Cardoso).

As narrações sobre os milagres são as

mais diversas possíveis, e incluem desde cura de enfermidades a empregos e serviços. Algumas destas performances são típicas do local e refletem a relação da floresta com a cidade por meio da devoção a este santo católico. Eis uma delas:

[...] eles traziam um “principiozinho”³ de borracha. Por exemplo, se tu se acidentou, fazia a promessa pra acompanhar a procissão carregando o princípio na cabeça. Dependendo do que aconteceu, por exemplo, tu se machucou lá num trabalho, tu faz uma promessa pra acompanhar a procissão daquela forma que você se machucou. Vêm com aquela mesma roupa, com terçado na cintura. Depois a polícia andou querendo corrigir, mas você ia lá, falava com eles, deixavam você vir pagar sua promessa (João Alves).

142

4.2 O São João do Guarani e o Encontro da Cidade com a Floresta

Dentre as celebrações mais marcantes de Xapuri encontra-se a de São João do Guarani. Este tipo de festividade é característico dos centros de devoção amazônicos e está situado na Reserva Extrativista Chico Mendes. Ele é mais um dos exemplos de outros centros que estão espalhados ao longo de todo o Acre.

Segundo depoimentos, a crença a “alma milagrosa” (que viveu naquela colocação e se chamava João) remonta ao início do século XX, embora haja imprecisão de datas, o período que vai de 1903 a 1910 é o mais mencionado como o de seu início. Nos

depoimentos, o mito fundante sofre algumas variações quanto ao seu discurso. Entretanto, em todos eles, os informantes são unânimes em afirmar que no momento do falecimento João estava em uma colocação chamada de Guarani, situada no seringal Boa Vista, que hoje está incorporado à Reserva Extrativista Chico Mendes.

Ele tinha aproximadamente vinte anos, era negro de Pernambuco, com estatura mediana. Ele morava sozinho e foi seringueiro no início do século XX, durante o período áureo da borracha, quando estes homens ainda se endividavam nos barracões dos seringais extraíndo o “ouro branco” das matas.

Trabalhando bastante e dependente do seringal, João foi acometido por uma forte malária. Esta doença foi responsável pela morte de inúmeros trabalhadores que vieram para os seringais do Acre no final do século XIX e início do XX.

Muito doente, sem condições de “cortar seringa” e produzir borracha, foi proibido de pegar gêneros alimentícios e remédios no barracão. Este fator agravou ainda mais o quadro da doença,

[...] pois ele adoeceu na época que o seringueiro era mão-de-obra barata, usado para produzir riqueza pros patrões e não tinha nenhuma preocupação do patrão com a saúde dele. Chegou o momento que ele não pôde sair de casa e morreu na redinha dele. Segundo a história que passaram pra gente, ele

morreu na redinha dele, ele tinha um cachorrinho. Quando encontraram ele, estava praticamente em estado de decomposição e o cachorrinho já tava magrinho, porque não tinha quem desse comida (Raimundo Mendes de Barros).

Existe outra versão sobre este mito. Nela, outros moradores afirmam que João morava no seringal Recife, no rio Jacó, em Sena Madureira. A colocação Guarani era passagem para Xapuri. Doente de malária, foi se tratar em Xapuri, mas só conseguiu chegar à colocação Guarani.

O fato é que seu corpo foi encontrado dias depois. Como estava em processo de decomposição, cavaram um buraco dentro da casa do próprio João. Esta casa era feita de paxiúba e ficava às margens de um varadouro. Sobre o túmulo foram colocados dois gravetos cruzados, simbolizando uma cruz.

O primeiro milagre realizado por João, segundo depoimentos, se deve ao fato de que dois amigos do seringueiro estavam perdidos na floresta há vários dias. Sem esperança de encontrar o caminho fizeram uma promessa para a alma do amigo, falecido há poucos meses. Nesta promessa, os amigos prometeram confeccionar uma cruz de madeira para substituir os gravetos do túmulo do João, caso conseguissem encontrar o caminho de volta. Caminharam cerca de vinte minutos e encontraram a sepultura, que ficava às margens do varadouro, marco de reconhecimento para a colocação dos seringueiros perdidos.

Após seis meses, um grupo de seringueiros saiu para caçar e se perdeu na floresta. Estavam há dois dias perdidos e foi aí que se apegaram ao João. Como ele tinha morrido e foi abandonado, então disseram que a alma dele certamente seria uma alma milagrosa, pelo sofrimento que ele viveu. Se apegaram com São João, e no outro dia cedo encontraram o varadouro, que os levou de volta para casa (Idem).

Com o passar do tempo, a fama de alma milagrosa da colocação Guarani se espalhou para outros lugares. Escolheram a data de 24 de junho, dia de São João para a celebração e “foi a partir desse momento que começou a ser venerado o nome dele. E toda a véspera de São João os seringueiros se juntavam, acendiam velas, rezavam terços, aí foi crescendo, crescendo” (Ibidem).

Cabe destacar que os milagres atribuídos ao João do Guarani foram fundamentais para os moradores das colocações e seringais próximos manterem sua fé, visto a ausência da igreja católica na floresta, exceto através de raras “desobrigas”, quando o pároco viajava para lugares distantes para efetuar casamentos, batizados, missas e outras obrigações religiosas. Sendo assim, “antes de 1920, o que existia era a igreja sem padre. Quando os padres vieram eles começaram a fazer desobrigas, ou seja, eles passavam pela floresta batizando, casando, faziam essas obrigações” (Irmã Ignez).

Para a historiadora Cleuza Rancy, a

presença de um sacerdote no seringal era acontecimento raro, muitas vezes passava-se mais de um ano entre uma e outra visita, o que justifica a carência de religiosos e pelas dificuldades de transpor as distâncias entre um e outro latifúndio. A desobriga, nome que identifica tal visita, com o decorrer do tempo passou-se a verificar com certa anormalidade anual (RANCY, 1992:137).

No final da década de 40 um homem conhecido como Neném França fez uma promessa para São João do Guarani. Se ele conseguisse comprar o seringal na qual vivia, mandaria colocar uma cruz de ferro e construiria uma capela no local em homenagem à alma milagrosa.

Após muitos anos de trabalho este homem conseguiu alcançar o seu objetivo, e aproximadamente entre 1960 e 1970, o seringalista Neném França mandou trazer de Belém, do Pará, uma cruz feita de ferro maciço e também tijolos e todo o material necessário para a construção de uma pequena capela. Conforme XX,

[...]aquele cruzeiro chegou ali em 63. Porque o Neném tava saindo do Boa Vista, tava ficando mais na mão de um sobrinho dele. Ele trouxe esse cruzeiro. Só que em 64 nós saímos do seringal Boa Vista. Quando nós saímos do seringal Boa Vista aquele cruzeiro já tava lá, só que era recente. Ai em 65 eu voltei, fui lá no Guarani e o cruzeiro já tava lá (Paulo de Souza Silva).

Todo o material chegou de barco à Xapuri, cruzou o rio Acre rumo ao seringal

Sibéria, através das catraias, e o cruzeiro de ferro foi cerrado em pequenos pedaços e levado para a colocação Guarani. Estes ferros foram transportados nos lombos de burros até o Guarani. A capela, por sua vez, foi então erguida e o cruzeiro devidamente montado, permanecendo na colocação guarani até os dias atuais, em meio à floresta amazônica. Estava cumprida a promessa de um dos maiores devotos da alma milagrosa do seringueiro João.

Existem tantas outras promessas solicitadas para a alma milagrosa. Dentre elas destacamos a de dona Carmelita, de Fortaleza, Ceará, que fez pedido de cura ao João. Ao ser “válida”, ou agraciada com a cura, procurou logo cumprir a promessa ao santo. De acordo com Maria Mendes do Nascimento,

[...] ela veio uma senhora de Fortaleza do Ceará e disse que tava lá em Fortaleza, numa sala de cirurgia, ela ouviu falar nessa capela, que tinha um santo. Ela fez a promessa. Se ela conseguisse ficar boa vinha aqui. Quando ela chegou aqui, era um problema que ela tinha na garganta. Ela disse que tinha feito cirurgia, mas não conseguia ficar boa. Ela foi, pegou uma mãozinha que tem aí, dum milagre, e passou na garganta dela, e a partir daí diz que o mal foi embora. (...) Aí todos os anos ela ficou vindo, dia de São João.

Outro depoimento foi dado pelo seu Alberto Pereira, que é morador do seringal Boa Vista. Ele explica que foi ferrado por uma

[...] jararaca açu, onde minha mãe fez

uma promessa, que se eu não ficasse com defeito nenhum, ela ia me trazer aqui só de cuequinha. Nessa época seringueiro não vestia calça, era calça de pano antigo, amarrada com tira. Era pra arrodar a capela três vezes de joelho e deixar a cueca. Vim trocar a cueca dentro da capela e vestir roupa normal, daí comecei a ser devoto de São João do Guarani, por esse motivo.

Os devotos, vindos de vários lugares (incluindo outros estados, a sede municipal e as colocações dos seringais) tiveram vários problemas, sejam eles de saúde, financeiro ou familiar. De fato, buscam alcançar a graça ou pagar por um milagre concedido, passando a ir ao local de várias formas, e a manifestar sua fé de forma distinta. Portanto,

[...] uns vem de joelho, uns vem de quatro pé, de todo tipo chega gente. Outros rodeiam a igreja, outros arrodiam a capela, outros de joelho, outros de pé mesmo ou de cavalo. Pois é assim, uns trazem fita, outros traz roupa, outros traz milagre feito em casa, milagre feito de pau, outro feito de cimento, de todo jeito, outros traz fotografia. Uns traz gravador, outros traz um rádio, traz uma lanterna, sempre tem que trazer uma coisa. Conforme seja a promessa, eles trazem e deixam tudo aí (Idem).

Para os moradores da colocação Guarani e adjacências a relação com os mortos é um tanto curiosa, pois eles mantêm uma tradição do “tempo dos patrões seringalistas”, quando as pessoas eram enterradas às margens dos varadouros, devido à ausência de cemitérios na região.

Ao lado do cruzeiro de ferro do Guarani, local onde foi enterrado o

seringueiro João, existem diversas sepulturas de pessoas que morreram nas proximidades. Destacamos que Apesar de haver pessoas enterradas ali, não há uma ideia de cemitério, pelo contrário, as sepulturas estão localizadas diante das portas de uma capela.

A peregrinação é uma das marcas neste tipo de celebração. É digno de nota que a estrada convencional é recente. Os devotos, antigamente, andavam por dias, através dos varadouros, para chegar à pequena capelinha, onde rezavam e colocavam objetos agradecendo a dádiva ou suplicando ajuda. Convém dizer que esta caminhada, antes realizada mata adentro através de varadouros, e hoje através do ramal que dá acesso a colocação Guarani, é uma forma de sacrifício. Ela se torna uma das primeiras tarefas para a maioria dos devotos, que é o de ir ao encontro da alma milagrosa, através do caminho da salvação.

Neste contexto, as pessoas andavam por vários dias no interior da mata para chegar até a localidade de culto. Era também uma forma de rever amigos ou fazer novos, mesmo quando ficavam hospedados em colocações que serviam de ponto de apoio para a estada dos peregrinos. Muitos que vinham de lugares da floresta e da cidade dormiam em colocações de seringueiros.

A participação da igreja católica nos dias atuais está restrita à missa, realizada no dia vinte e quatro de junho. Esta é esperada

com bastante expectativa. A missa de São João é realizada do lado de fora da igreja, que não comporta mais de quinhentas pessoas, que geralmente ficam para pagar suas promessas durante a missa.

Devemos ressaltar que este santo não é reconhecido pela igreja católica. Porém, a missa é feita porque, é uma devoção popular do povo. Então

[...] isso pode até chegar um dia a um testemunho de pessoas, às vezes de cura que tenha recebido. Pode ser que um dia ele seja canonizado também. (...) Existe devoção popular nessas pessoas que desapareceram, o pessoal tem essa devoção, que não é reconhecido pela igreja, mas o povo tem no coração que ele é santo (Padre Chagas).

146

Neste centro de devoção há uma grande movimentação de pessoas, sendo que umas chegam para participar das celebrações, outras para demais atividades esportivas, como o torneio de futebol, e existem aquelas que auxiliam na organização, dando assistência aos visitantes. Elas murmuram as suas rezas, acendem velas e pagam as suas promessas ou suplicam ajuda. Circulam a capela de joelhos, oferecem animais, dão objetos (cabelos, fotografias, desenhos, velas, fitas, roupas e partes do corpo que são entalhadas em madeira).

Há comidas típicas da região que são vendidas, além de marreteiros que comercializam os seus produtos para aqueles que participam do evento. As comidas são

feitas no local e podem ser vendidas. Entretanto, existem pessoas que as produzem mediante doações já feitas de diversos animais e alimentos variados para a festa. A doação também é uma forma de pagar uma promessa atendida.

Há uma cavalgada procedente do bairro da Sibéria rumo à capela de São João do Guarani. Faz parte da programação mais recente, assim como o ramal, que facilitou o acesso dos fiéis ao local de devoção. Os cavaleiros são procedentes de vários bairros de Xapuri, e de outras localidades rurais. Junto à cavalgada segue um carro de apoio com alimentos, água e bagagens dos cavaleiros. O percurso gasto por eles dura em média dez horas. Conforme depoimentos, eles chegam ao final da tarde do dia vinte e três tocando um berrante atraindo olhares de curiosos sobre a imponência daqueles que chegavam ao interior da floresta montados em cavalos imponentes.

Missas, novenas e atividades esportivas e culturais (incluindo o tradicional forró) fazem parte do calendário de atividades em homenagem ao santo que traduz uma devoção que vem da floresta que tornou-se ímpar, pois é uma celebração criada pelos seringueiros no meio da mata, onde a exploração dos era constante e também onde havia ausência da presença física da igreja católica. É típica de uma devoção religiosa local, associada a outros festejos. João

também é o nome de São João, comemorado com bastante ênfase no nordeste brasileiro, rememorada pelos homens que de lá vieram e aqui foram esquecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto coloca alguns elementos que servem de reflexão sobre os “lugares de memória” situados em Xapuri e que foram enfatizados por alguns entrevistados em suas narrativas durante pesquisa de campo.

Em primeiro lugar o ato de narrar se constitui em uma invenção acerca dos lugares físicos de Xapuri que, por sua vez, separamos em tópicos voltados a diversão, comércio, sociabilidades e devoções.

Logo, as narrativas constituem momentos de inventar e reconstruir estes lugares que, por sua vez, podem se deslocar e ter outro (s) sentido (s) em algum outro momento histórico pelo narrador ou outro ator que trate da mesma abordagem.

A memória, portanto, em um sentido certeuniano se faz em um tempo presente, sendo ela simplesmente inventada, recontada, ressignificada. Neste contexto o passado só existe em função do agora. Logo, se a memória é uma forma de “reconstruir” o passado, *o passado já não nos cabe, ele se perde, quando é ativada a arte da memória a partir do presente* (ARAÚJO, 2006). Portanto, ela acaba se tornando ocasião,

momento repentino na qual lembranças individuais articuladas a referências coletivas dinamizam a arte da memória acerca da Princesinha do Acre.

Esta dinamização se deu a partir de entrevistas realizadas em momentos temporais distintos. Estes depoimentos consomem também a reconstrução da memória a partir daquele presente, do momento na qual o entrevistado expõe o seu olhar e a sua invenção sobre o passado a partir do presente de sua fala.

Em segundo lugar, é preciso mencionar que tratamos de manifestações discursivas sobre lugares físicos que aparecem por meio de narrativas. Por isso, a importância delas no corpo deste texto, dando margem a fala de pessoas que viveram ou vivem em Xapuri e como estas tratam aqueles locais como forma de expressão do “mundo em que viveu”. O mundo torna-se, então, representação (CHARTIER, 1991).

Estes lugares não estão voltados somente a Xapuri. Ao contrário, é possível perceber nas narrativas várias conexões que retratavam a tênue relação entre floresta e cidade, além de outros lugares do Brasil e do mundo que aparecem por meio de representações simbólicas que foram e são cotidianamente absorvidas e reinventadas pelos seus moradores.

FONTES ORAIS

Abdon Bestene. Entrevista concedida em 17/05/08.

Alberto Pereira. Entrevista concedida em 20/11/07.

Derci Teles. Entrevista concedida em 31/07/07.

Dona Carmita. Entrevista concedida em 01/06/08.

Dona Vicência. Entrevista concedida em 09/02/07.

Euri Figueiredo. Entrevista concedida em 17/05/08.

Francisca Brito de Lima. Entrevista em 19/01/2008.

Irmã Ignez. Entrevista concedida em 20/01/2007.

Isaura Monte Cardoso. Entrevista concedida em 10/05/08.

João Alves. Entrevista concedida em 23/04/07.

Jorge Carlos Monteiro. Entrevista concedida em 01/08/07.

Jorge Sarkis. Entrevista concedida em 12/06/08.

Maria de Nazaré Gondin da Silva. Entrevista concedida em 5/04/08.

Maria Mendes do Nascimento. Entrevista concedida em 20/11/07.

Mariete Morte. Entrevista concedida a equipe do Projeto em 20/06/08.

Marinho Galo. Entrevista concedida a equipe do Projeto em 20/06/08.

Mauro Argenor Aldo. Entrevista concedida em 06/04/08.

Miriam Pereira de Melo. Entrevista concedida em 01/08/07.

Nabiha Bestene. Entrevista concedida em 09/06/08.

Ozana Santana de Oliveira. Entrevista concedida em 21/04/2007.

Padre Chagas. Entrevista concedida em 24/06/07.

Paulo de Souza Silva. Entrevista concedida em 02/08/07.

Rabib Sarkis. Entrevista concedida em 12/06/08.

Raimundo da Silva Ferreira. Entrevista concedida em 17/01/08.

Raimundo Dias de Figueiredo. Entrevista concedida em 01/08/07.

Raimundo Eurico Bezerra. Entrevista concedida em 31/07/07.

Raimundo Mendes de Barros. Entrevista concedida em 19/01/2008.

Raimundo Nonato Gonçalves. Entrevista concedida em 31/07/07.

Sílvia Ribeiro. Entrevista concedida em 01/08/07.

Vicência Bezerra da Costa. Entrevista concedida em 09/02/07.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Wladimir Sena Araújo (organizador). **Relatório do Inventário de**

Referências Culturais de Xapuri. Rio Branco: FEM, 2008.

_____. **Táticas e Estratégias em uma Religião Usuária de Ayahuasca da Amazônia Ocidental.** Rio Branco: **Revista Dê Ciência (Revista de Publicação Científica da UNINORTE).** Vol 01 - nº 01 – janeiro/junho de 2006.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano 1. Artes de Fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel; GIARD, Lucy; MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano 2. Morar e Cozinhar.** Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação.** In: **Estudos Avançados**, volume 05, nº 11, São Paulo, janeiro a abril de 1991.

COELHO FILHO, F. **Relatório Apresentado ao Território Federal do Acre.** Xapuri: Prefeitura Municipal de Xapuri, 1943 (mimeo).

COSTA, Ana Lúcia Reis Melo Fernandes. **Madeira que Cupim não Rói: Xapuri em Arquitetura – 1913 a 1945.** Rio Branco: EDUFAC, 2002.

KALUME, Jorge. **Doces Recordações, Crônicas.** In MOTA et all. “Empate” pela Vida e Defesa da Floresta em Xapuri. In Dossiê: **trabalhadores de Xapuri.** Rio Branco: UFAC, 1996.

RANCY, Cleuza. **Raízes do Acre (1870 – 1912).** Porto Alegre: PUC/RS, 1981.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual:**
estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes,
1974.

NOTAS

ⁱ Mestre em Antropologia Social – Unicamp e professor de História da Universidade Federal do Acre.

² Executado pela Fundação de Cultura Elias Mansour entre 2006 a 2008.

³ Início de uma péla de borracha, com poucos quilos.

Recebido em: 24/11/2018.

Aprovado em: 28/12/2018.

Publicado em: 10/01/2019.